

**JULIANO CÉSAR DA FONSECA NASCIMENTO**



**OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO EM ARTE:  
CAMINHOS PERCORRIDOS POR UM PROFESSOR ALFABETIZADOR**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2015

**JULIANO CÉSAR DA FONSECA NASCIMENTO**

**OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO EM ARTE:  
CAMINHOS PERCORRIDOS POR UM PROFESSOR ALFABETIZADOR**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Juliana Gouthier  
Macedo

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Nascimento, Juliano César da Fonseca, 1978

Os Desafios da Formação em Arte: Caminhos percorridos por um professor alfabetizador: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Juliano César da Fonseca Nascimento. – 2015. 39 páginas.

62 f.

Orientador(a): Juliana Gouthier Macedo

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Macedo, Juliana Gouthier. II. Universidade Federal de MinasGerais. Escola de Belas Artes. III. Título



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada *Os Desafios da Formação em Arte: Caminhos Percorridos por um professor Alfabetizador*, de autoria de Juliano César da Fonseca Nascimento, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Juliana Gouthier Macedo - Orientadora

---

Cláudia dos Anjos – Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

## RESUMO

Esta monografia apresenta um breve histórico sobre o processo de formação continuada em Arte, partindo da ótica de um professor alfabetizador. No entanto, nesse relato é discorrido de forma sintética sobre os caminhos percorridos na busca de conhecimento para me tornar um professor alfabetizador até chegar ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Dessa forma, aponta caminhos e reflexões significativos sobre o processo de ensino/aprendizagem em minha formação. E ao revisitar o passado faço um resgate de alguns fatos pontuais que me fizeram compreender e entender a origem da afinidade com o campo das Artes e a busca persistente pelo sonho de ser um professor de Artes. Contudo, entender e valorizar o processo de formação continuada, e a importância de materializar e registrar suas experiências e nunca esmorecer na busca de algo que acredita. Por fim, fazer reflexões acerca da minha trajetória acadêmica, materializada por meio dessa narrativa autobiográfica entendida como instrumento de auto formação importante na construção indelével de professor pelo viés da centralidade do sujeito.

Palavras Chaves: sujeito; Formação; Trajetória; Docência; Experiências; Identidade.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	5
A DISTÂNCIA DA ARTE.....	7
PROFESSOR ALFABETIZADOR .....	24
A ARTE EM EVIDÊNCIA.....	26
ENTRELAÇANDO EXPERIÊNCIAS .....	29
REFERÊNCIAS .....	34

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão a partir da minha própria trajetória como professor. A proposta é descrever por meio da auto narrativa alguns dispositivos que ocorreram em meu processo de formação e de conhecimento que me fizeram chegar no curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, relacionando-os com o aprendizado no mesmo. A ideia parte da centralidade do sujeito em reconstruir de forma reflexiva a trajetória profissional como docente em processo de formação (SOUZA, 2008). Assim, este texto apresenta algumas narrativas críticas que permearam minha formação desde a escolarização até os dias de hoje.

Para tanto, a metodologia de trabalho utilizada é a proposta por (SOUZA, 2008), que possibilita os sujeitos em processo de formação significar sua história de vida por meio das marcas e dispositivos experienciados nos contextos de formação. Acrescento mais, as experiências de vida ocorridas enriqueceram minha formação. Experiências adormecidas com o passar dos tempos. Memórias significantes que afloraram ao serem revisitadas e que são narradas e discutidas no corpo deste relato, apresentando memórias de histórias e vivências que de alguma forma foram influenciando a minha formação como professor. Portanto, esta narrativa apresenta-se em primeira pessoa por estar imbricada no conceito de histórias de vidas, narrativas férteis na compreensão do desenvolvimento profissional e suas interfaces com a construção da identidade profissional e a auto formação (SOUZA, 2008, P.38).

O texto mostra a importância do ingresso no curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, que enriqueceu minha formação enquanto Arte/ educador a partir do momento que me permitiu aprofundar e ampliar conhecimentos sobre o ensino de Arte, incentivando-me a buscar mais conhecimentos e a valorizar o processo de formação em minha trajetória. Ao escrever esta monografia, a partir do relato de minha experiência, investi em leituras, revisitando memórias que me despertaram para a importância da trajetória formativa de um profissional da educação, principalmente para documentá-la, materializando os conhecimentos e experiências construídas.

Início descrevendo sobre os entraves que me impediam de concretizar o sonho de cursar Artes, que naquele momento era potencializado pela falta de informação e perspectiva para um futuro acadêmico. Reencontro com as evidências da Arte em minha infância, que possuía como pano de fundo os elementos da natureza como matéria prima para transformar atividades laborais em atividades lúdicas e criativas. Avanço perpassando pelas oportunidades de formações que me foram possíveis, na tentativa de aproximar do ensino da Arte, até a formação no Magistério de Educação Artística e a graduação em Pedagogia, ambas pontuadas por desafios. Mais tarde, como professor alfabetizador, me encontro propondo um ensino mais coerente com as realidades dos alunos, buscando valorizar o conhecimento prévio e incentivando um conhecimento pautado no pensar, refletir. Embora distante do propósito de me formar em Arte, minha trajetória seguia seu curso pautada nas possibilidades do momento, ricas em experiências com o campo das Artes, cursos, visitas a exposições, ou seja, a abertura aos conhecimentos, atividades artísticas culturais que vieram enriquecendo, incorporando minha trajetória acadêmica e culminando na inserção no Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais.



## A DISTÂNCIA DA ARTE

No final do Ensino Médio, comecei a me interessar mais pelo campo da Arte. Contudo, aquele desejo estava ainda incipiente, e não pude concretizá-lo devido à falta de informação e perspectivas para torná-lo real.

Estudar Artes, nesta época, para mim, seria, um luxo, pois eu não tinha recursos para taxas de inscrições, compra de materiais e demais gastos como viagens, livros e eventos. Além do mais, isso implicava mudar para outra cidade, pois onde eu vivia não havia faculdade de Artes. Anteriormente não entendia a sensibilidade para as Artes que foi fazendo parte e atravessando minha história de vida. Um menino franzino criado na roça e com poucos recursos. Xucro e rústico. Que foge de volta para a cidade de onde nasceu e saiu pequenino. E que o tempo e a vivência de experiências veem encarregando de moldar, sensibilizar. Fazendo esse menino ver o mundo com outros olhares.

Revisitando minhas memórias de infância para escrever este texto, começo a entender que, o possivelmente, esse contato com a Arte surgiu quando ainda morava na zona rural, mais especificamente durante a execução das atividades rotineiras da lida na fazenda, na confecção de objetos e utensílios usados na lida, trabalho cotidiano. O que mais me despertou para Arte, penso hoje, foi quando aprendi trançar lascas de bambu para fazer cestos e balaios usados no transporte de diversos itens comum a rotina rural. Naquele momento, houve um deslumbramento com a possibilidade de transformar aquelas lascas de bambu, criando desenhos advindos da forma como eram trançados e virava um objeto. Hoje vejo que essa experiência foi decisiva e me impulsionou para um aprimoramento intelectual, mesmo que de forma inconsciente.

Segundo Joice Saturnino (2009) o aprender fazendo, transformando matéria-prima em objetos úteis, pode despertar aptidões latentes do obreiro, o que potencializa a Arte do fazer manual. Ela aponta também que Arte e Artesanato ocupam espaços diferentes devido as formas de apropriação da matéria e da cultura, uma depende da outra, ou seja, a Arte depende da Artesania. Para adentrar no campo da Arte é preciso entender que a obra transcende o tempo e o espaço onde estão inseridas.

A Arte surge de um conhecimento intuitivo, concreto e imediato e nos faz compreender um sentido de mundo. No Artesanato, o fazer

manual é o que importa. O ritmo da produção, o gesto humano é o que impõe a marca da obra. Existe um caráter utilitário integrado ao contexto cultural. (SATURNINO, 2009, p. 9)

Pensando na possibilidade de entender o sentido de mundo advindo do conhecimento intuitivo, concreto e imediato, consegui, através desse relato, perceber melhor esse período em que meu olhar se despertou, ainda que intuitivamente, para observar as tramas presentes nas cordas usadas no curral, nos arreios, nos forros de bambu dos tetos das casas. Nessa rotina, acabei extrapolando o que seria uma atividade rotineira para me aventurar em atividades lúdicas, que conforme observa Carlos Cipriano Luckesi (2005), são aquelas que propiciam uma experiência de plenitude, em que nos envolvemos por inteiro, flexíveis e saudáveis.

A partir do que experimentava por meio do trançado ao criar objetos e formas, sem a pretensão de dar uma forma ou utilidade para a criação, penso que inconscientemente vivenciava situações lúdicas conforme aponta Luckesi (2005). Na verdade, dentre tantas outras técnicas, destaco essa, que tornou-se uma fuga para a brincadeira, uma vez que, vivia um momento árido de minha vida, uma vez que só trabalhava e não possuía lazer, brincadeiras e brinquedos.

Trabalhar com as mãos passou a ser prazeroso, e de forma lúdica fui aprimorando minhas habilidades manuais e pude desenvolver objetos a partir da técnica de trançar, por exemplo. Eu criava a partir das fibras das bananeiras, dos cipós. A partir do conhecimento que possuía naquela época, construía figuras, às vezes meio sem sentido para os meus conhecimentos e entendimentos, visto da perspectiva atual, e até mesmo para o momento em que vivia. Minhas cercas fugiam do tradicional, pois sempre agregava algo novo a partir da técnica básica do trançado, criando formas diferenciadas do básico, assim como as arapucas e os ninhos para as galinhas trançados em capim. Juliano, será que você consegue ilustrar isso, desenhando ou descrevendo esses trançados que inventava?

Os objetos da natureza, comuns no ambiente rural, eram transformados esteticamente em figuras gigantes feitas de folhas, pedras e capim, tendo as estradas da fazenda como base. Com galhos finos e cipós, a partir da técnica de fazer arapuca, eu confeccionava estruturas, que hoje traduziria como grandes

quadros que eram dependurados nos galhos e que ficavam balançando ao sopro do vento como pipas no ar. Nos pequenos riachos de água cristalina e cascalhos brancos, eu intervia recriando desenhos sobre os desenhos feitos pelo curso d'água. Esses são alguns exemplos que hoje começo a investigar e que retratam o início de minhas práticas e inclinações para a Arte e que até a escrita deste texto não recordava. Penso que ao refletir sobre essas memórias acabo por descortinar meu passado envolvido com a Arte, sem mesmo ter naquele momento um entendimento de que eu estava de alguma forma desenvolvendo atividades relacionadas à Arte. Portanto, digo despretensiosamente que pensava não saber de onde surgiu a minha aproximação com a Arte. Agora, depois desse exercício de memória, vejo que possivelmente esse foi de alguma forma, um primeiro contato com a Arte. Existem varias maneiras de vivenciar a Arte que flutuam entre o tempo e o espaço onde estão inseridas, ou seja, são vários discursos e conclusões. Assim como ela pode surgir intuitivamente, materializar ideias e sentidos. (SATURNINO, 2009, p.9). Concluo, com esse relato, que eu, quando criança, possivelmente estava fazendo, intuitivamente, exercícios artísticos.

Essa percepção se acentua quando identifico os trabalhos do artista Andy Goldsworthy, que produz obras de Arte a partir de elementos da natureza como de neve natural, gelo, folhas, cascas, rocha, barro, pedras, penas pétalas, galhos. Ele busca materializar, por meio desses materiais, a essências de um determinado ambiente e eternizado pelo registo fílmico ou fotográfico.'



Figura nº 1 – Sem título – Andy Goldsworthy

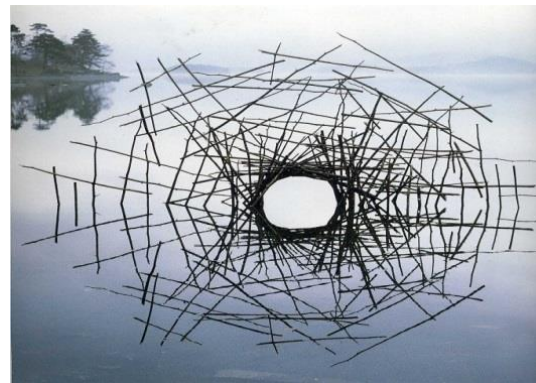


Figura nº 2 - Sem título - Andy Goldsworthy

Voltando às minhas memórias, após retornar a cidade onde nasci já no período de escolarização, na educação básica, o contato com a Arte foi menos frequente. Lembro-me que, nos anos iniciais, esse contato se deu na rotina de sala, como nas pinturas e desenhos complementares de atividades de alfabetização, e na construção e elaboração de capas de envelopes para a armazenagem dos trabalhos realizados, desenhar livremente para dar tempo para a professora realizar outras atividades, conversar com a colega da sala ao lado, foram alguns dos momentos que presenciei e ouvi e os tenho em memória até hoje.

No Ensino Fundamental, havia aula de Arte no quinto e oitavo ano. As aulas eram lecionadas por professores em ajustamento funcional, aquele professor que é efetivo e que encontra-se sem seu cargo de formação. Para não ficarem fora da sala de aula no ambiente escolar, as aulas de Arte – com carga horária menor do que as demais disciplinas, eram destinadas a esses professores. Sempre nos era pedido um caderno de desenho sem pauta, para registrar as atividades propostas pelo professor. Mas, raramente tínhamos aulas. Como o professor faltava muito, éramos, às vezes, levados para a biblioteca para ficar sob a responsabilidade da Bibliotecária, que nos colocava para assistir algum filme sem relação com qualquer disciplina. Outras vezes, os professores deixavam alguns esboços de desenhos mimeografados para colorirmos em sua ausência. No Ensino Médio, tivemos aula de Arte no terceiro ano, que seguiu o mesmo padrão das anteriores. Ou seja, o que mais fazíamos era colorir desenhos mimeografados.

As demais atividades que aconteciam quando havia aula, se restringiam a trabalhos com dobraduras, desenhos geométricos, colorir riscos de mandala, ou construir figuras recorte e colagens. Também ficava a cargo das aulas de Arte enfeitar a escola para algumas datas comemorativas, como Festa Junina, por exemplo. Eu diria que eram aulas desvalorizadas, momentos “para não fazer nada”, porque sempre a turma pedia para estudar para a prova, sair para resolver algo na secretária, ou simplesmente ficar conversando.

Independentemente das aulas que tinha, eu sempre era atraído pelo assunto Arte, seja em reportagens em televisão, jornais, livros e revistas. Até esse momento, eu não havia visitado uma exposição, nem conhecido os museus de minha cidade. Naquela época, tinha bem claro em minha mente que museus de Arte eram espaços

para ricos e que era preciso ter conhecimentos de Arte para me inserir nesses lugares.

Hoje percebo que estava condicionado a uma vida restrita social e culturalmente. Minha rotina era trabalhar o dia todo, ir para a escola à noite e aos domingos ir à igreja. Uma forma de entretenimento aos domingos, era a compra do jornal, quando tinha dinheiro, o que quase sempre não possuía. Mas quando comprava o jornal, era o Globo, a Folha de São Paulo ou o Estado de Minas. O acesso aos jornais para mim era coisa de intelectual e rico. Uma conclusão que construí, depois de muito observar as pessoas que, depois de comprarem seus jornais e revistas se dirigiam para o mercado onde eu trabalhava. Ali, esses clientes sempre me pediam para guardá-los até terminarem suas compras. Como não podia abri-los para ver o conteúdo, lia algumas manchetes e procurar por alguma notícia sobre algum artista, exposição ou alguma introdução sobre determinada críticas de Arte. Dessa forma, observando quais os jornais eram os lidos por aqueles clientes do mercado, aprendi a comprar o que pressentia ser o ideal para minhas leituras. Em minha visão, se eles compravam, era porque eram “os chiques”.

Nessa época, recém-chegado a São João del – Rei/MG, estava no quinto ano, retomando os estudos. Os anos escolares anteriores foram cursados na zona rural. Foi através desses jornais que comecei a me aproximar da Arte. O encantamento se dava com as imagens contidas em suas páginas, principalmente as mais coloridas. Penso que era uma forma de buscar as cores, que fui condicionado a não enxergar devido à vida árida e descolorida a qual estava acometido naquele momento. A Arte era um item desnecessário para quem estava condicionado pelo fator social e cultural de um ambiente árido em referências artísticas.

## DESAFIO DA FORMAÇÃO

Conhecer o mundo das Artes tornou-se um *hobby*. Com muito custo, eu juntava dinheiro para comprar jornais aos domingos, e a primeira leitura que eu fazia era a leitura dos cadernos de Artes. Adorava ficar olhando para aquelas fotos de Arte de vanguarda e as famosas pinturas abstratas e ler as críticas sobre os pintores e as suas exposições.

Sempre que alguma reportagem me chamava a atenção, eu as recortava e, então, as guardava em uma gaveta. Por fora, a gaveta era simples e sem graça, ocupando um espaço de uma mesa velha, mas, lá dentro eu tinha à mão uma profusão de cores, vinda daquelas imagens que coloriam a “vidinha” simples e suburbana de um jovem que sequer se dava ao direito de ter um objetivo de vida, a não ser o que lhe estaria condicionado: Ajudar sua mãe a criar seus irmãos.

Conforme destaca Antônio Cícero em seu poema “*Guardar*”, guardar algo é uma forma de iluminá-la ou ser por ela iluminado. Penso que esse pode ser inconscientemente o fio condutor da minha teimosia, que foi ficando mais pungente. Mesmo de forma gradual, as mudanças foram acontecendo. No entanto, como aponta Paulo Freire, a mudança não é algo inatingível, pois somos condicionados, mas não determinados:

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos gerem quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. (FREIRE, 2002, p.23).

Uma forma de transcender esse condicionamento em que me encontrava foi sair da inércia do desconhecimento e buscar conhecimentos que estivessem ao meu alcance naquele momento. Portanto, tive que de alguma forma abrir as portas das possibilidades e agarrá-las, mesmo que ainda não soubesse onde daria esse caminho. Mesmo alheio a minha apreciação pela Arte, a curiosidade sempre aguçada fez com que eu me matriculasse em um Curso de Magistério de Educação Artística, ofertado pelo Conservatório Estadual de Música Pe. José Maria Xavier, na cidade de São João del – Rei/MG, hoje extinto. Nesse período, o Curso de

Magistério era gratuito e com duração de três anos, o único voltado para as Artes na região. Na época, a Universidade Federal em João del – Rei/MG, então Fundação de Ensino Superior de João del – Rei/MG (Funrei), não oferecia nenhum curso na área. Além disso, as opções que eu teria era ir para Belo Horizonte ou cursar Letras ou Filosofia, cursos que ofereciam uma ou duas disciplinas que abordavam “alguma coisa” sobre Artes, mas de forma mais teórica.

No decorrer do curso de Magistério, fui me identificando com algumas das disciplinas como História da Arte e Artes Plásticas dentre os demais componentes curriculares oferecidos. A aproximação com as disciplinas citadas anteriormente se deu pela forma como elas eram ministradas por suas respectivas professoras. Em Artes Plásticas, chamaram minha atenção os trabalhos manuais e o local onde ocorriam as aulas, que parecia um porão cheio de “quinquilharias”, que usávamos nos trabalhos. As aulas de História da Arte eram as que, de fato se relacionavam com a Arte, principalmente pela forma como eram abordadas pela professora. Eu costumava dizer que as aulas eram de encher os olhos e prendiam a atenção de todos os alunos, além de nos potencializar a conhecer alguns atelieres, visitar exposições, e buscar adquirir conhecimento e agregá-los à formação de quem se interessaria pela Arte. Como tive uma boa desenvoltura nas aulas e um entrosamento com a professora, que também era artista plástica e design de interiores, tive a oportunidade de conhecer seu atelier e acompanhar alguns de seus trabalhos como designer. Com isso, sem pretensão e de forma natural, comecei desenvolver as sensibilidades para atividades plásticas, tanto prática como teoricamente. A partir disso, fui escolhido como monitor da turma e comecei também a auxiliar a professora em seus trabalhos particulares, e pude ter contato com artistas locais e exposições organizadas pela Universidade Federal de São João del Rei durante o Inverno Cultural. A partir dessas vivências meu interesse por Arte foi crescendo.

Além de abordar as Artes plásticas, o curso também oferecia formação em Teatro e tinha uma inclinação para o lado musical.

Embora achando que não possuísse aptidão para a música, tive o contato com diversos instrumentos musicais. E, dessa forma, além de ter aguçado minha sensibilidade e o meu olhar nas aulas de História da Arte, percebi que fui educando, de alguma forma, a minha percepção musical.

Ser “professor”, em meu limitado mundo naquela época, era um meio de sobrevivência, ganhar dinheiro e tentar mudar de vida. Sendo arrimo de família, filho de mãe analfabeta, não me permitia sonhar muito. Mas sim, trabalhar, arrumar dinheiro para ajudar a sustentar os irmãos mais novos. Ainda assim, não abri mão de fazer estágio de Arte na escola onde eu já lecionava como professor de Inglês para educação infantil.

A partir desse momento, estagiando, tornei-me um “professor de Arte” em uma escola de educação infantil, ganhando destaque pela forma diferente com a qual eu trabalhava. A diferença nas aulas a qual me refiro acima era percebida pela forma como aconteciam. Sem ter um conhecimento mais aprofundado sobre o ensino de Arte, embora tenha passado pelo Curso de Magistério, não aceitava a ideia de trabalhar com os alunos desenvolvendo atividades descontextualizadas, como pintar ou colorir esboços mimeografados. Eu também não aceitava que os alunos fizessem os desenhos todos iguais, padronizados a partir de um modelo pronto, que determinava a cor a ser usada, por exemplo. Assisti a muitas dessas cenas acontecerem durante o estágio do Curso de Magistério. A partir daí, procurei desenvolver primeiramente diálogos com os alunos por meio das rodas de conversa sobre as atividades propostas para o dia, o que de início causou um estranhamento pela equipe da escola, pois as educadoras pensavam que, dentre outras possibilidades, eu fosse desenvolver com os alunos os tradicionais *trabalhinhos* escolares para mostrar para pais ou compor os álbuns. Contrariando essas expectativas, comecei buscando desenvolver atividades com os materiais que havia na escola. Uma metodologia que pratiquei com os alunos foi a de incorporar a participação deles no processo de criação da aula. Para isso, partia do diálogo por meio das rodas de conversa.

Através dessa dinâmica, eu apresentava a temática do dia, juntamente com os materiais necessários. Não apresentava modelos prontos para que os alunos o imitassem. As discussões eram feitas durante o processo, que servia para aguçar a criatividade e a pensar o que gostaria de fazer, expressar com o material. Um exemplo simples de atividade foi o uso do material comum na escola, a massa de modelar. Minha proposta era me concentrar no processo, nas ideias que pudessem surgir, nas criações individuais e que de alguma forma pudessem extrapolar o que era pretendido. E não um produto padronizado de fácil entendimento e vazio de



criatividade reflexiva e de espontaneidade. Essas interferências afetavam no resultado final, o produto em si, que esteticamente chamava a atenção porque os trabalhos continham a impressão indenitária de cada aluno. Os próprios alunos viam sentido no que faziam a partir de sua livre expressão, mas em atividades contextualizadas. Era feito um contrato didático para que a aula não ocorresse de forma desorganizada. Eram apresentados os tradicionais trabalhos para a comunidade escolar, mas com uma nova roupagem, propondo uma nova percepção. Conseguíamos organizar uma vez por ano exposição com os trabalhos.

## ESCOLHA POSSÍVEL

Com um pouco mais de vivência de mundo aliada a muito trabalho, fui desenvolvendo cada vez mais o meu lado artístico, aproveitando todas as oportunidades que envolviam a Arte. Até que chegou o momento em que a profissão me exigia uma graduação, também como forma de melhorar o lado financeiro. A dúvida era qual curso fazer, já que na minha cidade não havia nada que se aproximasse das Artes. Advindo de uma vida árida de recurso, minhas opções se dividiam entre o sonho e a realidade. A segunda sempre levava vantagem. Percebi então que deveria fazer Pedagogia, um curso que me possibilitaria complementá-lo futuramente com alguma formação em Arte. Optei por usar a formação como pedagogo para meu sustento e ir, aos poucos, me organizando para a formação em Arte, como sonhava.

Durante a graduação eu tive duas disciplinas que nos aproximavam da Arte: Fundamento e Didática de Arte-Educação e Ludicidade e Desenvolvimento Infantil. E com uma visão reflexiva, problematizadora sobre a Arte e seu ensino. Esse enfoque enriqueceu as disciplinas. Embora fosse abordado mais o lado teórico por meio de textos acadêmicos como: Por que Arte educação? de João Francisco Duarte Junior 1991, O Ensino das Artes construindo caminhos de Suely Ferreira (Org.) 2001, Concepções e práticas artísticas na escola de Célia Maria de Castro Almeida, 2001. Ludicidade e Arte educação – Tecendo fios e cores de Lúcia Helena Pena Pereira, 2006. Pensando a Arte na educação infantil de Amaríllis Coelho Coragem, 2006. Houve momentos em que nós experimentamos a prática em sala de aula por meio de oficinas e trabalhos em grupos sobre Arte. Mesmo que a carga horária fosse uma das menores da grade curricular do curso. Isso não foi empecilho para que fossem abarcadas discussões acaloradas, levantadas pela professora e propostas nos textos que dentre tantas temáticas abordavam o ensino de Arte e principalmente a Arte estereotipada que vem sendo disseminada nas escolas, traduzida em algumas atividades rotineiras, como aprender que a flor tem que ser pintada as pétalas de cor vermelha com o caule e folhas de cor verdes. Ou aqueles desenhos todos pintados iguais dependurados no tradicional varal de atividades em

sala de aula. O que, segundo a própria professora, deturpava o que deveria ser o ensino de Arte realmente.

Não pôde passar despercebido o preconceito que a professora sofria na faculdade. Sua aula era considerada por seus colegas, como menor, ao ponto de não ser oferecido espaço físico adequado que ela necessitava para suas atividades. Alguns professores diziam que "a faculdade não era lugar de ficar enfeitando cartazes ou brincando de pintar."

As disciplinas ocorreram no segundo e quarto período. A professora a qual se destinava as disciplinas relacionadas com a Arte/educação, Bioexpressão, Ludicidade e desenvolvimento Infantil, é formada em Pedagogia e Letras com mestrado e doutorado em Educação, com ênfase em métodos e técnicas de ensino, e atua principalmente com os temas: corporeidade, ludicidade, criatividade, resiliência e educação. Eram aulas de cinquenta minutos. As aulas se davam da seguinte forma: recebíamos as ementas, da bibliografia trabalhávamos com os textos mais significativos na visão da professora. À medida que eram lidos, era aberta literalmente uma roda, onde eram pontuados e discutidos alguns itens neles contidos. Entremendo a essas discussões eram relatadas algumas experiências com o ensino de Arte vivenciado por algumas colegas que já atuavam em sala, ou as experiências vivenciadas como alunos no tempo de escola. Algumas vezes, a turma era dividida em grupos sendo encarregados de estudar e apresentarem suas considerações sobre o que os autores pontuavam. A forma das apresentações era livre, era permitido usar *PowerPoint*, cartazes e afins. Os alunos mais atrevidos ousavam fazer cartazes coloridos, usando os mais variados materiais como tecido, papéis coloridos, folhas secas, sementes e escritas. Os cartazes eram afixados no corredor para apreciação dos alunos de outros períodos. Pude presenciar por diversas vezes alguns risinhos, piadinhas e até mesmo deboches por parte de alguns transeuntes dos corredores do curso de Pedagogia, ao verem os trabalhos expostos. Nem por isso nos sentimos intimidados. Sempre que nos eram oportunizados trabalhos como estes os expusemos com o intuito provocador. Que por sua vez era tema de discussões do que seria Arte e qual sua função em um curso de formação de professores.

Para diversificar a professora nos proporcionava alguns momentos a deleite com a exposição em *PowerPoint* de algumas imagens, com o intuito de nos provocar e

sensibilizar olhar, como: Joan Miró (O Galo), Salvador Dali (A persistência da Memória), Piet Mondrian (Moinho vermelho), Amedeo Modigliani (Atelier de Kisling com uma escultura de Modigliani.)



Figura nº 3- O Galo - Juan Miró



Figura nº 4 - A Insistência da Memória – Salvador Dali

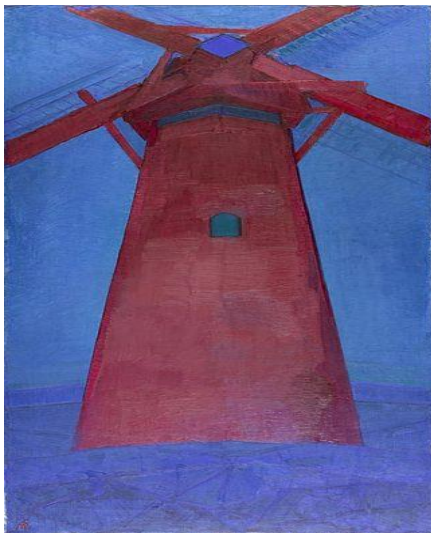


Figura nº 5 - Moinho Vermelho – Piet Mondrian

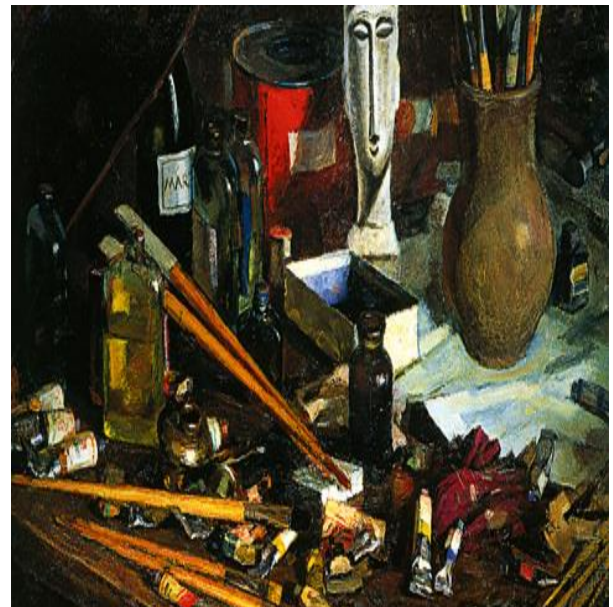


Figura nº 6–Atelier Kisling com uma escultura de Modigliani – Amadeo Modigliani

Fazendo um exercício reflexivo conosco, ela nos chamava a atenção para formas e cores, contava alguma curiosidade sobre a obra ou seu autor. Eu me deleitava com aquelas imagens, com as histórias contadas pela professora, mesmo eu possuindo

informações mais aprofundadas acerca do que estava sendo expostas ali, advindas de outras vivências com professores pesquisadores em Artes. Hoje, um pouco mais amadurecido, consigo valorizar cada movimento na tentativa de agregar informação, formação, conhecimento acerca do ensino de Artes. Solidarizo-me com as dificuldades enfrentadas por quem esforça para conscientizar a importância da Arte na formação de todo educando.

Contudo, mesmo com o déficit da disciplina e baseado em experiências anteriores, pude notar que foram mais um complemento importante em minha formação. Para tal, foi necessário um pouco de sensibilidade para entender o que foi feito o melhor, apesar dos reveses. A aula discorria sobre um ensino de Arte mais engajado com a liberdade de criar e expressar. Defendia-se uma forma mais expandida de ensino que ultrapassasse o tradicional colorir e pintar.

O ensino de Arte apresentado na faculdade ainda fica muito baseada nos textos e teóricos que discursam sobre o ensino de Artes, autores que sem dúvida são de suma importância. Mas a questão relacionada à academia é que a maioria dos aspirantes a professores pareciam não acreditar na importância daquela aula, considerando-a menor em relação às outras.

A ideia de que o artista não pensa de maneira tão atenta e penetrante quanto o investigador científico é absurda [...] [Ele] tem de discernir uma relação particular entre agir e o suportar em relação ao todo que deseja produzir. Aprender tais relações é pensar, uma das modalidades mais exigentes do pensamento (DEWEY, 2010, p.124).

Possivelmente devido à ideia preconcebida de que Arte é só passatempo, lembro-me de Ana Mae Barbosa, para quem a Arte é uma linguagem aguçadora de sentidos, portanto, não uma distração. O trabalho do professor inclui saberes das disciplinas ou áreas de conhecimento, saberes pedagógicos e saberes práticos. Devemos dirigir um olhar mais pontual para o ensino de Arte na escola, a começar pelos professores dos anos iniciais, período que compreendo de suma importância na formação dos alunos, pois é nesse momento que estão mais abertos ao conhecimento, sem ideias preconcebidas acerca do que aprendem e estão ansiosos para conhecer e apreender o mundo que os rodeiam.

Mesmo com o esforço da professora, que por sorte pôde escolher lecionar aquela disciplina, naquele ano, o conteúdo não foi suficiente para o Pedagogo que se

formara. Mesmo desenvolvendo a alfabetização, penso que o ensino de Arte é congruente a ela, pois é por meio da imagem que a criança relaciona o conhecimento. A imagem das letras, os desenhos e ilustrações dos livros, bem como painéis ornamentais infantis da sala são alguns exemplos.

O que pude notar na graduação é que a receptividade era diminuída devido à mentalidade dos próprios alunos, que memorizavam um ensino de Arte que era, digamos, desatualizado. Muitos dos alunos se intitulavam sem dom para Arte. Diziam não gostar e nem ter habilidades manuais para tal. Confesso que isso às vezes dificultava até mesmo o trabalho com os textos. Pois, as conversas paralelas rolavam soltas durante as aulas.

## **A ARTE COMO POSSIBILIDADE CONCRETA**

Movido pelo desejo de aprender sobre Arte, ingressei em diversos cursos sobre o assunto, visitei exposições, e conheci pessoas do meio artístico.

Sempre que havia algum curso, mesmo que informal, do ponto de vista do ensino institucionalizado, eu me inscrevia para participar. Eram cursos oferecidos por professores de universidades, amigos dos professores do Curso de Magistério, que foram alunos desses professores. Os cursos eram divididos em teoria e prática. A teoria era apresentada através da explanação sobre o percurso da Arte, estilos, curiosidades sobre o tema. A parte prática acontecia com as “leituras” de obras relacionadas com o tema trabalhado. Por exemplo, quando o tema foi o Barroco Mineiro, primeiro discorreu-se sobre o tema, sua história, curiosidades. Na parte que chamo de prática realizávamos visitas guiadas pela professora percorridas pelas igrejas e monumentos que estavam em consenso com o tema. Eram esmiuçados todos os detalhes dos entalhes, por exemplo.

Os cursos foram os mais variados possíveis, desde palestras sobre mitologia grega, Arte contemporânea com na culminação de uma visita ao Centro de Arte Contemporânea Inhotim, trabalhos com argilas e seus meandros, Artesanatos locais, moda e customização, fabricação de papel Artesanal com fibras naturais, esculturas em papel machê. O que me possibilitou múltiplas leituras e aprendizados paralelamente a minha formação acadêmica, escolarizada.

E conseqüentemente, encontro-me fazendo uma especialização em Ensino de Artes Visuais, que vem perpassando minha formação em Artes. Tive acesso a conhecimentos que me levaram a refletir sobre a ideia equivocada de que só seria possível de acessar em uma graduação em Artes e isso foi uma experiência maravilhosa. Eu acreditava que para visitar um museu seria necessário ter conhecimento acadêmico específico sobre Arte, assim como desmitifiquei a ideia de que o ensino/aprendizagem em Arte está pautado somente a aparatos como: tintas, pinceis, papéis especiais para pintura, dentre tantas outras infinidades de materiais industrializados. Da mesma forma que entendo sua importância e os vejo como forma agregadora, complementar, coadjuvando com outros materiais (fibras naturais, terras coloridas, argila...) no ensino/aprendizado em Arte. A especialização

veio desconstruindo essa ideia engessada, abrindo novos horizontes e possibilidades. Como as possibilidades criativas que poderão partir dos elementos naturais, por exemplo. Capacitando-nos para construirmos e organizarmos nossos materiais de trabalho, expandindo dessa forma o potencial criativo do professor e do seu alunado. Uma chance ímpar, que muitos dos meus colegas de trabalho não terão a possibilidade de ter contato com essas aprendizagens, que nos propõe abrir a novas possibilidades. Podendo trabalhar com mais segurança e confiança para desenvolver trabalhos com Artes.

A trajetória no curso de especialização ampliou ainda mais minha visão sobre a Arte e seu ensino, da mesma forma que desmistificou muitas informações e conceitos que havia adquirido erroneamente, libertando-me da ideia equivocada de que eu estaria errado quanto às práticas que adotei e venho adotando para o ensino de Arte. Minha identificação com o curso foi mais pontual durante as atividades práticas, pois sempre recorria a algumas ideias que tinha e que não registrei e/ou não coloquei em prática por falta de informação ou mesmo formação. A parte teórica foi um pouco embaraçosa para mim devido à linguagem mais rebuscada, talvez por eu não vir de formação em Artes, mas, foi de suma importância para adquirir novos conhecimentos e fornecer base para trabalhos futuros e principalmente para enriquecer o vocabulário.

Um dos pontos que destaco do curso de especialização é a questão sobre material de trabalho. Sempre pensei que para trabalhar com Arte era preciso uma gama de material didático para propor atividades aos alunos, tais como: Cópias de obras conhecidas, livros, tintas, pincéis especiais dentre outros materiais inerentes ao trabalho artístico. Não que eles não sejam importantes. No entanto, podemos explorar outras possibilidades, como os já citados elementos da natureza, por exemplo. Isso ficou evidente durante a Optativa B. Tópicos em Ensino de Artes Visuais. Evidencio das atividades simples, mas com um imenso potencial para trabalhar e desenvolver atividades artísticas. Que era construir uma caixa e dentro dela colocar objetos que pudesse ser utilizado para intervenções artísticas. Dentre eles, folha, gravetos, figura em papel, pedras, palitos. Essa disciplina desconstruiu a ideia de que é preciso somente materiais industrializados para o ensino de Arte. E que também podemos aos poucos ir organizando nossos materiais no decorrer de



nossas práticas. Outra atividade que foi superinteressante, que vale ressaltar foi a dos Caligramas. Letras que podem ser construídas com objetos variados.

Penso que o material didático seja um componente indispensável no Ensino/aprendizagem de Artes Visuais, ele é um pouco complexo, pois não acontece de forma linear, raramente os resultados coincidem. Não funciona como algo posto, uma receita pronta. E possuir material pronto não é indicado, principalmente material impresso.

O autor nos chama a atenção para as tendências didáticas desenvolvidas equivocadamente a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN - Arte), sendo elas o exercício de repetição ou a imitação de modelos prontos e atividades voltadas para auto estimulantes. Loyola também nos mostra que o material didático para Artes visuais deve ser instigante e despertar a curiosidade dos alunos, deve “tocá-los esteticamente” e lhes causar curiosidade do que se trata e das possibilidades de experimentação e compreensão. Baseado no que o autor nos apresenta, o curso de especialização nos deu a oportunidade de pensar novas perspectivas sobre a prática e o ensino de Arte por meio dos materiais, das discussões com os professores e tutores, quebrando digamos esse paradigma equivocado sobre os materiais didáticos. Conforme endossa Loyola, é preciso desenvolver ações e intervenções com o objetivo de ampliação da percepção estética e a construção do conhecimento. E isso ficou bem claro no decorrer das disciplinas do curso que nos instigou a ousarmos no sentido de buscar metodologias diferenciadas para a efetivação do que foi apresentado acima e não cair nas armadilhas do material pronto.

Contudo, como professor, enfrento as dificuldades advindas do descaso com o ensino de Arte, importante para formação do aluno. Partindo dessa ideia, que me proponho pensar em projetos que passem longe do mero copiar e colorir.

Ensinar Artes na escola hoje demanda mais que criatividade, é preciso sabedoria para ludibriar os entraves e burocracias costumeiros e repetitivos que apodera do ensino, principalmente do Ensino de Arte, partindo da ótica de um professor alfabetizador.

## **PROFESSOR ALFABETIZADOR**

Não obstante, a ideia de ser professor foi ficando cada vez mais evidente e aflorada em minha trajetória. Influenciado por outros professores e amigas que faziam Pedagogia, animei tentar o vestibular. Em 2013, me formei em Pedagogia com o pensamento de conseguir um bom trabalho e me organizar financeiramente, ter uma “estabilidade” para vivenciar o sonho de fazer um curso de Artes.

Hoje continuo atuando como professor alfabetizador, mas com cabeça de Arte/Educador. Tenho muita dificuldade em trabalhar com Arte no ensino regular, pois as prioridades são outras, como alfabetizar e letrar. As dificuldades começam a partir do tempo/espaço da escola. Norteadores da educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam o ensino de Arte assim como também propõem uma educação problematizadora, defendida também por Paulo Freire, que enfatizaria o refletir e o pensar do aluno, e o fizesse ter uma visão de mundo mais abrangente. E não é bem isso que acontece. Todos os conteúdos são enquadrados em um determinado tempo que às vezes impossibilita a ação reflexiva com os alunos. Tornando todo o processo educacional muito mecânico.

Sempre que tive oportunidades de adentrar em uma sala de aula, o professor de Arte pulsava. Pensando que estando em sala de aula, eu poderia extravasar as ideias, conhecimentos que fui construindo ao longo dessa trajetória, participando de diversos cursos voltados para Arte e frequentando exposições. Não foi bem assim... Hoje me encontro lecionando como professor alfabetizador. Tornei-me um professor responsável e dedicado em busca de novas formas de ensinar e aprender, o que culminou na seleção de um projeto em que desenvolvia com meus alunos no ano de 2014 pela Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (MAGISTRA). Fui convidado a compartilhar a experiência em Belo Horizonte, como exemplo de práticas exitosas em alfabetização, para professores de todo o Estado, que sutilmente envolvia a Arte na forma de organizar os portfólios, que fugiu do tradicional. Foram criados grandes cadernos confeccionados e costurados pelos alunos, que posteriormente pintaram e enfeitaram a maneira de cada um. Os portfólios foram feitos a partir de uma de papel A3. Expliquei para os alunos o que era um portfólio e qual sua função, assim como explanei sobre a importância da construção individual. Na sequência lancei a

pergunta aos alunos, como poderíamos dar mais vida aquele papel branco onde iríamos anexar as atividades realizadas. As sugestões começaram a surgir, uns disseram que poderíamos usar tintas, outros giz de cera... Dessa forma, no momento de ilustrar as páginas foi emergindo a criatividade, alguns usaram tintas, giz de cera, recorte e colagem, ilustrações feitas com grafite, carimbos com folhas verdes de árvores. E logo foram delineando algumas das ilustrações, algumas figurativas, outras nem tanto, o que deram ao portfólio o colorido característico e espontâneo de cada aluno. O interessante é destacar esse momento de autonomia criativa que foi proporcionada com essa proposta, uma vez os alunos puderam opinar sobre algo que iriam fazer. Assim como tiveram de refletir sobre essa interferência. Chamo a atenção para o processo que foi coadjuvado com o resultado final, as ilustrações no portfólio.

## A ARTE EM EVIDÊNCIA

Sempre fui atraído pelas pinturas de Portinari, mesmo que me faltasse mais leitura e conhecimento sobre esse artista. Desenvolvi um projeto que propunha o ensino de Arte agregado à alfabetização, Para implementar o projeto, foi preciso justificá-lo como meio de alfabetizar, haja vista que a gente não lê só palavra, lê o mundo, as pessoas, os objetos. Propus um exercício de alteridade, no sentido pensar num ser plural. Como aponta Paulo Freire, o sujeito lê o mundo para depois fazer outras leituras, como a leitura da palavra. Contudo, penso que o sujeito é plural. Como ele parte da leitura desse mundo, no entanto, temos um mundo em profusão de acontecimentos e de conhecimentos ocorrendo a todo instante.

Como não havia nenhum recurso que podia usar. O que por um lado foi positivo. Obrigando-me a usar a criatividade, pesquisa e conhecimento. Eu queria apresentar para as crianças imagens de qualidade. Procurei em bibliotecas e achei muito pouca coisa impressa sobre o artista. Levei alguns livros que achei falando do pintor, fiz uma roda e após eles folhearem os livros, começamos a dialogar sobre o artista. E a partir daí foi desenrolando uma série de trabalhos, desenhos rabiscos e escritas que extrapolaram até o que tinha proposto. Os alunos conheceram os museus da cidade, produziram desenhos magníficos sobre a infância, escreveram sobre o artista, produziram um Portfolio reaproveitando um jornal distribuído pela Universidade local. Criamos uma forma diferente de expor os trabalhos para apreciação na escola. Na verdade, essa é uma característica do meu trabalho. Busco apresentar aos alunos algumas situações inusitadas de tão simples que são. Sem dar muita explicação e provocá-los a buscar, a questionar e a descobrir as informações de que precisam e anseiam. Penso que dessa forma eles aprendem a lidar, observar e a valorizar o simples. E a partir dele construírem sua Arte, por exemplo. Mas não ficando somente no ato de criar algo palpável. Retirando do meio onde estão inseridos subsídios para produzir conhecimentos e dessa forma, tornando rico o processo antes e durante a construção. E vendo que aquela criação traz as impressões de quem eles são e do lugar onde vivem.

Certa vez, ouvi de um psiquiatra que fora contratado para ajudar os professores da escolinha onde lecionava que eu poderia agregar em minhas aulas de Arte areia, toquinhos. Eu achei que ele estava louco, assim como outros professores também

pensaram o mesmo. Eu não possuía conhecimento e amadurecimento para entender que ele estava certo. O produzir Arte vai muito além de telas, tintas, papel e lápis de cor. A Arte, a meu ver, não precisa de um produto para saber que foi produzido Arte. O importante é o processo que ali estava envolvido durante a manipulação de determinados materiais, como os toquinhos.

Costumo levar meus alunos para a praça para que eles peguem sementes e cascas para poderem delinear algo que venha em suas mentes. Logo essa prática extrapola para as pedras e a mesmo os jogos que são feitos de toquinhos, que são transformados em esculturas. Levo meus alunos a viajar nas possibilidades criativas, explorando diversas possibilidades de criação e recursos. . Trabalho com Arte interferindo e dialogando com outras disciplinas. Certa vez, em uma aula de geografia, estávamos estudando o solo. Levei os alunos para uma estrada para vermos as camadas de terra e coletar amostras de solo para uma atividade posterior.

Logo um aluno disse: “olha professor essas terras tem a mesma cor de Portinari”... Ele estava referindo a um trabalho que na época estava desenvolvendo com eles sobre brinquedos e brincadeiras nas obras de Candido Portinari. O aluno trazendo coisas da Arte para seu contexto. Este projeto consistiu-se em formar uma roda nas aulas de Arte para apreciarmos alguma obra definida que abordasse a temática. A partir dali busquei produzir diálogos sobre cores, desenhos, por exemplo. Eu os deixava a vontade para se expressarem, questionarem. Após esse momento, eu propunha a eles como a gente poderia registrar aquele momento. Sempre sugeriam que fossem por meio de desenho. Os desenhos apresentavam alguns traços do que foi visto na tela, mas o destaque ficava para o que era escrito nos desenhos. Muitas vezes, fui surpreendido com escritas espontâneas que tinha a ver com que os colegas haviam dito durante a roda de conversa. Para o professor alfabetizador é uma realização de uma habilidade da escrita. Como eu preciso de algo palpável para apresentar para a direção da escola, os trabalhos foram anexados em um portfólio que foi entregue aos pais ao final.

O interessante foi que durante essa aula prática de geografia, ao ter acesso a terra, os alunos começaram a manipulá-la de forma lúdica fazendo desenhos com o dedo e em seguida agregando as esses desenhos as pedras, folhas e gravetos que estavam próximos formando imagens no chão. Só depois que fui me dar conta de

que os meninos estavam fazendo exercícios artísticos e referindo-se à aula passada sobre a tela do Portinari.

## ENTRELAÇANDO EXPERIÊNCIAS

Desde que adentrei em sala de aula, como participante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da universidade onde me formei como professor alfabetizador, eu venho tentando, de alguma forma, realizar meus desejos, que foram ganhando força e amadurecendo a cada experiência, proporcionando a possibilidade de desenvolver atividades artísticas com um pouco mais de conteúdo na tentativa, de chamar a atenção para o que a gente tem à nossa volta, me aludindo a valorizar os artistas brasileiros.

Mas, esse lado artístico latente vai pulsando o pensamento, querendo fazer algo diferente, quebrar paradigmas de que Arte é para artistas, e esse lado falou mais alto. Consegui buscar conhecimento acerca do ensino de Artes indo ao encontro de exposições como de Auguste Rodin, Marc Chagall, Tarsila do Amaral, Centro de Arte Contemporânea Inhotim. Tais exposições funcionaram como estímulo para eu acreditar que podia investir em aprendizagem, conhecimentos sobre Artes e acreditar que era possível adquirir uma formação, independentemente de ser uma graduação ou não, assim como tornou-se possível adquirir uma formação através de cursos livres sobre pintores, leituras de obra. Dessa forma, esses conhecimentos vieram como centelhas acendendo e mantendo a vontade buscar conhecimentos. Tudo isso vem me proporcionando possibilidades de ousar, lançar-me em algumas experimentações e aprendizagens em momentos que envolvem Arte.

Por todas essas experiências, sinto uma inquietação quanto ao ensino de Arte em sala de aula. Portanto, faço o seguinte recorte. Desde minha época de escola lembro de que os professores de Arte não eram formados em Arte. E hoje, atuando no mesmo meio que eles, observo que alguns deles continuam sem a formação adequada para o cargo. Percebo também um acomodamento, uma mesmice em seus conteúdos, o que poderia a meu ver ser diferente. Seria possível enriquecer suas aulas, proporcionando experiências singulares. Baseio-me como aluno desses professores e convivendo com eles, observando-os. Mas, o que ponho em questão é como fica a formação dos alunos e que mentalidade referente à Arte eles levarão para o decorrer de suas vidas? Será aquela de colorir folhas de ofício mimeografada ou esboço de obras de artes famosas impressas para serem preenchidas com lápis de cor. Em resumo, conhecimentos são melhores apreendidos com experiências

reais. De forma lenta, mas contínua. Penso que o professor de Arte pode provocar em seu aluno a inquietude de descobrir o mundo que o cerca, partindo das coisas mais simples e de repente ele poderá questionar algo mais complexo como obras de Artes mais elaboradas e de vanguarda e também da Arte popular.

Mesmo com o esforço da professora, que por sorte pode escolher lecionar aquela disciplina, naquele ano, não foi a meu ver suficiente para o Pedagogo que ser formara porque, mesmo desenvolvendo a alfabetização, penso que o ensino de Arte é compatível com o conhecimento artístico e inseparável da Arte, pois é por meio da imagem que a criança assimila e relaciona o conhecimento. A imagem das letras, os desenhos e ilustrações dos livros e da decoração da sala, são alguns exemplos.

O que aponta certo desconforto, é que um curso que tem a missão de formar profissionais diversos para diferentes segmentos além de coordenadores pedagógicos, gestores, supervisores de ensino e pesquisadores não tem prioridade no currículo do “que” ensinar e “como” ensinar em algumas faixas etárias. "Muitos dos futuros educadores não dominam esses conteúdos, e cabe à faculdade considerar os conhecimentos dos ingressantes e suprir essas lacunas", diz Gisela Wajskop, 2008, doutora em Educação e diretora do Instituto Superior de Educação de São Paulo. Ainda segundo a professora, o curso de Pedagogia tem 42% do total de sua carga de matérias voltadas para o funcionamento dos sistemas educacionais e fundamentos da educação, o que acarreta em uma boa base teórica em humanidades que é fundamental, mas não o suficiente, pois a graduação é para ajudar a servir do conhecimento e aplicá-lo no cotidiano.

Agora transfiro isso mais especificamente para o Ensino de Arte. Para a aula de Arte são reservados apenas 50 minutos. Limitados de conhecimentos adequados sobre Arte os professores alfabetizadores deixam ser levados a desenvolver atividades banais e sem conteúdo, para dizer que cumpriram a disciplina de Arte. Esmorecerem ao invés de buscar conhecimentos para provocar experiências significativas, e assim agregar valor em seus trabalhos, afastando aquela sensação de poderia fazer melhor. Ouço muito de colegas de profissão, que como “não possuem formação”, não existe possibilidade de fazer diferente do que fazem. Parece-me que ficam esperando uma receita pronta. E assim não se atrevem a lançar na busca pelo conhecimento, não experimentam, não ousam.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita deste relato tornou-se uma lembrança da minha história de formação acadêmica e que me trouxe até o curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Este relato possibilitou a lembrança de fatos já esquecidos pelo tempo, que sempre me impulsionaram para o campo da Arte e também a seguir persistindo na busca de realizar um sonho, ser professor de Arte.

Para tanto, foi necessário para fazer o registro, lembrar minha trajetória por meio das minhas memórias, fazendo lembrar boas práticas artísticas, experiências com Arte, com as quais fui envolvido, mesmo que de forma inconsciente, mas, que foram ricas em experiências e vivências, potencializando e sensibilizando, fazendo emergir conhecimentos apreendidos ao longo deste período, impulsionando a compreensão do caminho que construir de encontro com a Arte.

Penso que este momento é importante a todo professor pesquisador parar, olhar para trás, rever como se deu seu processo de formação, suas experiências, e como vem construindo sua identidade como professor, assim como faço agora. A reflexão sobre o processo de valorização da formação continuada, deveria ser inerente à profissão de professor, que necessita estar atualizado, construindo e desconstruindo saberes. Trazendo o para minha realidade, ele fez com que eu refletisse sobre minhas afinidades com o campo da Arte. E como eu fiz para enfrentar as dificuldades em ter uma formação em Arte. E também registrar como foi possível vencer essas dificuldades sem esmorecer na busca de realizar um desejo em que acredito e segue latente focado nas possibilidades, mesmo com os entraves da aridez da dificuldade em alguns momentos.

Destaco a importância deste curso de especialização para minha formação. Concretizando e potencializando ações criativas que poderão ser exercitadas em sala de aula. Assim como, a reflexão acerca da importância do registro das experiências vividas por um Arte/Educador, sejam elas por meio de fotos ou escritas, desde que sejam, materializadas a *posteriori* como objeto de reflexão. Compreendi a importância do registro reflexivo das experiências no campo da Arte, como instrumento para se perceber processos ricos que se instauram nas ações

cotidianas e se configuram como momentos de formação. Essa consciência foi potencializada pelas experiências vivenciadas no curso de especialização e na escrita deste trabalho. Penso que o Arte/Educador está submerso em um mundo imagético e material e que portanto a materialização de suas experiências é de suma importância.

Durante o Curso de Especialização fica evidente a importância de nos organizarmos quanto aos materiais que usaremos em nosso cotidiano de professor de Arte, como organiza-lo dando-nos a oportunidade de lançar mão de materiais alternativos, por exemplo, sem ficar na dependência dos industrializados.

No que concerne à formação em Arte, nos possibilitou durante o curso refletir sobre muitas questões que envolvem docentes e estudantes, sobre o processo ensino aprendizagem de Arte. Conhecer mais sobre os autores que norteiam o ensino de Arte. Entender metodologias postas, criar nossas próprias, abrindo nossos horizontes e fazendo emergir o desejo pela formação continuada, que a meu ver pode ser uma constante na vida de educador.

## REFERÊNCIAS

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA Saberes Necessários à Prática Educativa.** Disponível em [www2.uesb.br/pedh/wp-content/uploads/2014/02/Pedagogia-da-Autonomia.pdf](http://www2.uesb.br/pedh/wp-content/uploads/2014/02/Pedagogia-da-Autonomia.pdf). Acesso em 03.10.15.

FREIRE, Paulo. **Importância do ato de ler.** <https://www.youtube.com/watch?v=hgdnZDTEBiU> . Acesso em 27.09.15.

GURGEL, Thaís. **Currículo dos cursos de Pedagogia não prepara para a realidade escolar.** Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/ao-mesmo-tempo-tao-perto-tao-longe-423173.shtml> . Acesso em 02.10.15

JOSSO, Marie Christine. **As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras.** Disponível em [www.revistas.usp.br/ep/article/view/28016](http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28016) . Acesso em 01.10.15.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e atividades Lúdicas - uma abordagem a partir da experiência interna.** Disponível em <http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm>. Acesso em 10.10.15

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação.** Disponível em [200.17.141.110/periódicos/revista\\_identidades/revistas/ARQ\\_FORUM\\_IND\\_4/DOSSIE\\_FORUM\\_Pg\\_37\\_50.pdf](http://200.17.141.110/periódicos/revista_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_4/DOSSIE_FORUM_Pg_37_50.pdf). Acesso em 28.09.15

BARBOSA, Ana Mae. **Toda Beleza:** Cultura, Arte, beleza e educação. Disponível em [file:///C:/Users/Juliano/Downloads/Toda\\_Beleza\\_-\\_Ana\\_Mae\\_Barbosa\[1\].pdf](file:///C:/Users/Juliano/Downloads/Toda_Beleza_-_Ana_Mae_Barbosa[1].pdf)

Acesso em 19.10.15

GONDIM, Jane Dalva Pontes. FERNANDES, Ângela Maria Dias. **Interrogações sobre políticas de formação e ensino de Arte nos currículos dos cursos de pedagogia.** disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022011000300004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022011000300004&script=sci_arttext). Acesso em 16/09/15.

Figura 1 e 2 - Site Andy Goldsworthy <http://visualmelt.com/Andy-Goldsworthy>

Figura nº3- O galo Juan Miró - site:  
<http://wwwpoetanarquista.blogspot.com.br/2012/12/o-galo-de-joan-miro.html>

Figura nº4 -Salvador Dali - Site:  
<https://livreopiniaportal.files.wordpress.com/2014/01/a-persistencia-da-memc3b3ria.jpg>

Figura nº 5 - Moinho Vermelho - Piet Mondrian -  
<http://hicoulture.blogspot.com.br/2011/06/fashion-rio-verao-2012-e-mondrian.html>

Figura nº 6 -Atelier de Kisling com uma escultura de Modigliani - Salvador Dali -  
<https://homemdespedacado.wordpress.com/category/Arte/moise-kisling/>

ANEXOS



Figura nº 7 - Aula de Arte



Figura nº 8 - Aula de Arte



Figura nº 9 – Modelo de Portfólio



Figura nº 10 – Visita ao Museu Regional São João del-Rei – Uma das atividades Projeto Portinari



Figura nº 11 – Visita à exposição – August Rodin



Figura nº 12 – Foto esboços August Rodin